

Fé raciocinada, ciência iluminada: a aliança da religião com a ciência em debate na imprensa cearense (1910-1930)¹

Stinted Faith, illuminated Science:

*The Debate over the Alliance between religion and
science in newspapers of the Brazilian State of Ceará
(1910-1930)*

Marcos José Diniz Silva*

Resumo: O artigo trata de um aspecto das disputas religiosas no espaço público cearense das primeiras décadas do século XX, envolvendo seguidores do espiritismo, da maçonaria e da teosofia enquanto componentes de um movimento moderno-espiritualista com forte inserção na imprensa e nas lides intelectuais e políticas do Estado, estabelecendo alianças nas lutas por igualdade religiosa, em defesa do Estado laico e pelos ideais de fraternidade universal. Destacam-se neste trabalho suas propostas de uma aliança entre a religião e a ciência de acordo com os pressupostos da modernidade e em choque com as concepções espiritualistas tradicionais, destacadamente do catolicismo.

Palavras-chave: espiritismo, maçonaria, teosofia, religião, ciência.

Abstract: The article deals with one aspect of religious disputes in the public space of Ceará first decades of the twentieth century, involving followers of Spiritualism, Theosophy and Freemasonry as components of a modern-spiritual movement with strong presence in the press and in the cares of the intellectual and political state, forming alliances in the struggle for religious equality in defense of the secular state and the ideals of universal brotherhood. Also in the work of their proposed an alliance between religion and science, according to the assumptions of modernity and at odds with the traditional spiritual concepts, especially by Catholicism.

Keywords: Spiritualism, Freemasonry, theosophy, religion, science.

¹ Este artigo tem por base algumas questões desenvolvidas no Capítulo III de minha tese *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*, em Sociologia, defendida na Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, 2009). A pesquisa contou com apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

* Graduado em História. Doutor em Sociologia. Professor de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE (FECLESC/Campus Quixadá).

1. Introdução

Incontáveis foram as situações, no Ceará das primeiras décadas do século XX, em que se mesclaram ideais de fé, evolução, iluminação, regeneração e redenção nos discursos oriundos de diferentes vertentes, que vêm demonstrar essa extrapolação do universo metafísico do religioso para a esfera do profano. Pode-se tomar o exemplo dos apelos gerais e recorrentes ao recurso da “luz”.

Em carta procedente de Camocim, município da região norte do Estado, ao jornal *Voz do Gráfico*, de Fortaleza, um operário da Estrada de Ferro de Sobral reclama o apoio da militância sindical da capital, afirmando: “*pois, o camarada bem sabe, onde falta luz o povo tateia*”.² Ainda na região norte do Ceará, o editorial do primeiro número do pequeno jornal sobralense, “*órgão independente, literário e noticioso*”, com o sugestivo nome *A Evolução*, faz sua apologia à imprensa como doadora de luz:

A imprensa é a luz que alumia os povos; a luz é a Fé e a Fé é a luz reveladora do futuro, é o bálsamo da consciência, é o tesouro do coração, é a vida triunfal da alma. E por isto mesmo é que confortados e alentados pela Fé, que preside no cofre inviolável dos nossos corações juvenis, atiramos à luz da publicidade o nosso modesto jornal – sob o sugestivo título – *A Evolução* – filho das nossas aspirações de moços sequiosos do progresso de nossa pátria.³ (Grifo do autor).

Noutra ocasião, talvez aquela que deve ser a primeira de uma série de publicações na imprensa cearense de teosofistas divulgando a teosofia, vemos o destaque da iluminação das crenças proporcionadas pelas escrituras religiosas:

A teosofia pode ser definida como o conjunto das verdades que formam a base de todas as religiões [...] Iluminando e esclarecendo as sagradas escrituras de todas as religiões, revela que todas encerram sobre Deus, o homem e o universo, ensinamentos em substância idênticos [...] À luz dessa filosofia se resolvem imediatamente inúmeros problemas tidos por insolúveis.⁴

Também o jornal *O Nordeste*, órgão católico porta-voz oficioso da arquidiocese de Fortaleza, reagindo ao proselitismo das demais religiões, defende suas posições sob outra concepção de luz: “*O gravíssimo delito intelectual dos que se*

² Contraste desolador. *Voz do Gráfico*, Fortaleza-CE, 29.10.1921. Órgão da Associação Graphica do Ceará (apud A. GONÇALVES e J. E. SILVA (orgs.), *A Imprensa libertária no Ceará (1908-1922)*, p. 197).

³ Aparecendo. *A Evolução*. Sobral-Ce, 23.10.1927.

⁴ Teosofia. *A Tribuna*. Fortaleza-Ce, 06.12.1922.

*insurgem contra a palavra da Sabedoria Incrriada, luz insubstituível trazida pelo Messias ao mundo, representa, sem dúvida, um pecado”.*⁵

Vê-se que a preocupação em iluminar estava bem demarcada por dois campos, na maioria das vezes opostos. Ou seja, uma vertente “profana” iluminista, positivista, evolucionista, e outra “sagrada”, do tradicionalismo católico em concorrência com o moderno espiritualismo. Nos diversos campos das batalhas intelectuais, travadas na sociedade cearense por esses agentes, percebe-se o foco central na definição de uma nova ordem social e de novos valores espirituais demandados pela emergência da modernidade capitalista industrial, do cientificismo e da secularização.

Mas, o que poderia representar essa presença ou ausência de luz, na opinião de lideranças religiosas, de intelectuais, de jornalistas e militantes operários das variadas correntes ideológicas em disputa? É fundamental considerar que tanto anarquistas quanto socialistas, católicos, maçons, espíritas e teosofistas apresentavam, em seus princípios, doutrinas e tradições, o recurso à iluminação do homem como condição para sua evolução, salvação e civilização.

Tem-se a luz como consciência político-social da exploração e tirania do Estado e do capitalismo, no viés anarquista; a luz do conhecimento como condição evolutiva do progresso, geradora de justiça e igualitarismo, na versão socialista; quer a luz como símbolo da Divindade e emblema do conhecimento, para a maçonaria; a luz-iluminação como percepção da essência divina do Universo e do “Ego” divino do homem, no ensino dos teosofistas; a luz como símbolo de evolução moral-espiritual e, conseqüentemente, social, assentada em bases científicas, filosóficas e na moral cristã, na versão espírita;⁶ ou, por fim, a luz do Evangelho a partir da dogmática católica, como única garantia de salvação. Assim, todas essas correntes de pensamento e instituições debatiam-se por um lugar social onde pudessem fazer valer seus projetos universalistas. Portanto, o recurso à “iluminação” do povo impulsionaria a atuação desses agentes vinculados às instituições religiosas, movimentos filosófico-religiosos e ideológico-políticos, com pertencimentos exclusivos ou duplos, desenvolvendo estratégias diferenciadas de inserção social para a difusão de seus ideários.

Considerava-se a necessidade de constituição de uma nova ordem social no Ceará, como no Brasil, naquele contexto de profundas alterações nas relações

⁵ Blasfêmia funesta. *O Nordeste*. Fortaleza-CE, 03.04.1929.

⁶ No decorrer deste trabalho, a utilização do termo “espiritismo” manterá fidelidade ao neologismo criado por Allan Kardec, e será entendido como “um sistema religioso, um sistema de crenças e práticas que se inclui no quadro maior das religiões mediúnicas”. (M. L. V. de C. CAVALCANTI, *O mundo invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*, p. 9).

sociais, nas estruturas produtivas e no arcabouço cultural, que o país atravessava nas primeiras décadas do século XX, exigindo-se como condição a educação-iluminação do “povo” e das novas classes governantes.⁷

Todavia, persistiu uma lacuna acadêmica sobre essas correntes espiritualistas modernas nos movimentos sociais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, quando fora marcante a difusão dos ideários liberal, positivista e evolucionista, presentes nas doutrinas e práticas de adeptos da maçonaria, do espiritismo e da teosofia, por exemplo.⁸

No início do ano de 1910, retornava a Fortaleza o cearense Manuel Vianna de Carvalho, oficial do Exército, maçom e espírita. Como delegado da Federação Espírita Brasileira, orador e polemista espírita reconhecido nacionalmente, Vianna de Carvalho fez publicar por algum tempo o seguinte anúncio, no influente e combativo jornal *Unitário*, de propriedade do maçom João Brígido: “*Peço aos espíritas do interior do Ceará, bem como aos socialistas, maçons, livre-pensadores, adeptos em geral das ideias modernas, o obséquio de me enviarem os seus endereços para fins de propaganda*”.⁹

O chamado de Vianna de Carvalho é representativo de todo um contexto da vida cultural cearense, onde desponta com bastante veemência a propaganda das “ideias modernas” em termos de religião – caso do Espiritismo – bem como toda uma gama de novas interpretações da problemática social e humana.

O significado dessas “ideias modernas” para a vida religiosa e intelectual cearense, em ebulição nesse contexto, extrapola o sentido religioso institucional e tradicional para se consubstanciar em propostas alternativas ao debate sobre religiosidade, problemáticas sociais e políticas, demandadas pelas transformações advindas da modernidade, respingadas em terras cearenses.

⁷ No primeiro estudo acadêmico em que se faz menção à atuação social maçônica no Ceará, em especial junto aos trabalhadores, F. J. C. PARENTE, *Anauê – Os Camisas verdes no poder*, refere-se ao papel representativo da maçonaria na organização operária. Para ele, a postura liberal da maçonaria teria sido vitoriosa sobre as articulações dos anarquistas nos primeiros anos do Centro Artístico Cearense (1904) e se tornado hegemônica na organização dos trabalhadores cearenses até o início da década de 1920. Daí por diante, a maçonaria teria estabelecido uma “aliança tática” com a Igreja Católica, para barrar o avanço da esquerda comunista. Entretanto, a ideia carece de sustentação empírica, tendo-se em conta que as relações entre as duas instituições continuaram tensas e, em determinados momentos, de conflito aberto. Constata-se que o jornal *O Nordeste*, nesse mesmo período, e nos anos seguintes, continua seus ataques quase diários à maçonaria.

⁸ O primeiro estudo exploratório da atuação da maçonaria cearense junto à chamada “Questão Social”/ movimento operário, especialmente na organização de trabalhadores, na década de 1920, encontramos em M. J. D. SILVA, *Lapidando a pedra bruta: a Maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses*. Nesse trabalho, revela-se a experiência da associação Aliança Artística e Proletária de Quixadá (CE), fundada em 1921 “como uma instituição modelar daquilo que se convencionou chamar ação social maçônica”.

⁹ *Unitário*. 1910. *Apud* L. KLEIN FILHO, *Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó*, p. 124.

Julia Miranda,¹⁰ tratando dos discursos e práticas dos católicos cearenses na década de 1930, construídos a partir do jornal *O Nordeste*, também circunscreve o projeto de recatolicização do povo, na disputa com o “poder temporal laicizado”, à concorrência com o marxismo (comunismo). João Alfredo Montenegro,¹¹ por sua vez, referindo-se à atuação católica cearense no movimento integralista, lembra que a Igreja defendia um “Estado forte”, num contexto de “desintegração do liberalismo”, encontrando-se a sociedade polarizada pelo conflito de duas grandes forças: o “sectarismo laicista” e o “espiritualismo”. O autor dá a entender que estavam no embate, de um lado, os comunistas e, do outro, os católicos, respectivamente.

Posteriormente, Montenegro¹² empenha-se na decifração do tradicionalismo católico cearense e suas conexões mais amplas com a sociedade e o Estado. E, embora citando outros agentes dessa relação, como a maçonaria, apresenta-a como mais um elemento do amplo quadro denominado de “modernismos”. Mesmo considerando que os referidos autores tratam da década de 1930, ressalta o não delineamento das especificidades desses “modernismos” que se intensificaram nas duas primeiras do século XX.

Contudo, esse embate percebido por Montenegro¹³ entre “espiritualismo” (catolicismo) e “sectarismo laicista” (comunismo) é indicativo de que a relação conflituosa religião/sociedade nos quadros da modernidade direcionava-se para uma reconstrução das estruturas simbólicas, dentre elas uma nova religiosidade, pelas vias da laicização da sociedade e do Estado. Ou seja, na maré secularista da modernidade, confrontavam-se não apenas o materialismo histórico (comunistas) com o catolicismo tradicional e sua intelectualidade, mas também maçons, espíritas, teosofistas, opostos tanto ao espiritualismo tradicional quanto ao materialismo, disputando lugar no espaço público para suas alternativas moderno-espiritualistas.

Miranda¹⁴ lembra que, enquanto a modernidade tende a dessacralizar a sociedade, instaura um espaço-tempo de uma nova utopia salvacionista. Essa recomposição simbólica entre as dimensões espiritual e material (sagrada/profana), no contexto da modernidade, se dá no interior do movimento de secularização.

Guardando definições muito particulares na perspectiva dos setores tradicionalistas, a secularização da sociedade tornou-se sinônimo de laicização e, no limite, descatholicização (no sentido de uma descristianização¹⁵). Portanto, para

¹⁰ J. MIRANDA, *O Poder e a fé – Discurso e prática católicos*, p. 48.

¹¹ J. A. de S. MONTENEGRO, *Integralismo e Catolicismo*. In: S. SOUSA (org.), *História do Ceará*, p. 354.

¹² J. A. de S. MONTENEGRO, *O Trono e o Altar: As vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*.

¹³ J. A. de S. MONTENEGRO, *Integralismo e Catolicismo*. In: S. SOUSA (org.), *História do Ceará*, p. 354.

¹⁴ J. MIRANDA, *Religião e Política: Novos desafios à Sociologia*. In: *Rev. de Ciências Sociais*, p. 13-23.

¹⁵ Esse fenômeno, inicialmente constatado na Europa ocidental, embora tendo em sua eclosão no final do século XIX, guardando relações com a secularização e o laicismo, não se deve confundi-los, como observa R.

essas correntes opostas ao avanço demolidor dos dogmas espirituais e de suas bases de estruturação social (Deus, ordem, família e propriedade), o avanço dos modernismos era entendido como uma repaganização.

Dentro dessa perspectiva, pode-se admitir que a polarização “secularistas *versus* espiritualistas” no Ceará, conforme referido, não se restringira à disputa entre comunistas e católicos. A acepção “espiritualista” indica uma gama abrangente de denominações religiosas ou filosóficas que se apresentam como partidárias da existência de uma dimensão espiritual na vida, portanto, opostas ao materialismo. Dito de outra forma: aproximando-se pelo aspecto sagrado/religioso, católicos, maçons, espíritas e teosofistas compuseram uma corrente essencialmente e diversamente espiritualista, embora vivendo contradições e conflitos nas questões profanas do plano material mais imediato.

Portanto, é especialmente no terreno das tensas e por vezes conflituosas relações entre esses grupos portadores de novas ou tradicionais concepções religiosas, que se pretende desenvolver este trabalho, considerando as condições históricas em que se colocaram esses novos agentes e suas figurações¹⁶ específicas (de maçons, espíritas e teosofistas), constituindo uma figuração moderno-espiritualista¹⁷ atuante no espaço público a cearense.

Desta feita, o destaque será para suas proposituras de uma necessária aliança entre a religião e a ciência. Esse é o cenário em que se encontram anelados

RÉMOND, *O Século XIX (1815-1914)*, p. 171: “O que se denomina descristianização toca, pelo contrário, nas crenças íntimas e nos comportamentos das pessoas. Ela exprime o fato de que depois de uma centena de anos nas sociedades modernas, massas de homens, cada vez mais compactas, parecem desinteressar-se por qualquer crença religiosa. Elas deixam de frequentar lugares de culto, afastam-se dos sacramentos, negligenciam suas obrigações religiosas. [...] Ao contrário do estado de espírito que havia presidido, no início do século XIX, a laicização e que se definia por uma hostilidade militante, a descristianização não exprime mais do que desinteresse e indiferença”.

¹⁶ “Seres humanos singulares convivem uns com os outros em figurações determinadas. Os seres humanos singulares se transformam. As figurações que eles formam uns com os outros também se transformam. Mas as transformações dos seres humanos singulares, e as transformações das figurações que eles formam uns com os outros, apesar de inseparáveis e entrelaçadas entre si, são transformações em planos diferentes e de tipo diferente. [...] Dito de outra maneira: um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível depende de fato das peculiaridades da figuração em questão.” (N. ELIAS, *Figuração*. In: *Escritos & Ensaís I. Estado, processo, opinião pública*, p. 26-27).

¹⁷ Diferentemente da expressão genérica “espiritualismo moderno”, designativa de toda a fenomenologia mediúnicamente ostensivamente desenvolvida na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, com seus desdobramentos filosóficos e científicos. (Cf. A. C. DOYLE, *História do Espiritismo*, 2005). Neste trabalho, *moderno-espiritualismo* é uma chave conceitual deste autor para designar um conjunto de características filosófico-religiosas, oriundas daquele movimento, praticadas e difundidas por maçons, espíritas e teosofistas, em diversas instâncias do espaço cearense, na primeira metade do século XX. (Cf. M. J. D. SILVA, *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*).

espíritas, maçons e teosofistas numa rede moderno-espiritualista,¹⁸ trazendo à tona a originalidade de uma conformação entre religião e modernidade não apenas oposta às correntes materialistas e profecias da “morte de Deus”, como também se constituindo em exemplar de nova alternativa espiritualista ao tradicionalismo religioso daquele contexto brasileiro.

2. O Espiritismo em berço maçônico

Já nos idos de 1853, o jornal *O Cearense* noticiava as experiências magnéticas europeias das “mesas girantes”, como também as realizadas no Ceará. Na edição de 26 de julho, publicou a seguinte notícia:

Não é só na Alemanha, França, Pernambuco etc., que se fazem experiências elétrico-magnéticas das tais mesas dançantes – O Sr. José Smith de Vasconcelos [19] fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia!! Neste momento presenciamos várias experiências desta. “Digam lá os sábios da Escritura / Que segredos são estes da natura”.²⁰

Mas apenas em 1897 é que se tem o primeiro registro de fundação, em Fortaleza, do Grupo Espírita Fé e Caridade, destacando-se a atuação de Demétrio de Castro Menezes e Luiz de França de Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiram em Maranguape²¹ mais dois grupos: o Grupo Espírita Verdade e Luz (1901), sob a direção de Arthúnio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e

¹⁸ “Assim, o moderno-espiritualismo, como rede de pensamento composta por maçons, espíritas e teosofistas, propiciava afinidades eletivas e alianças intelectuais entre esses agentes, em sua maioria com dupla pertença – maçônico-espírita, maçônico-teosófica – enquanto atuavam em diversos espaços da vida social. Assentava-se nos seguintes fundamentos: (a) difusão da antiga lei dos renascimentos sucessivos (reencarnação); (b) evolução espiritual; (c) evolução planetário-cósmica; (d) possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos (mediunidade); (e) aliança entre religião e ciência; (f) complementaridade entre todas as crenças religiosas, fundada na unidade das leis divinas; (g) a defesa e a prática da liberdade, da fraternidade e da solidariedade entre todos os povos, crenças e raças”. (M. J. D. SILVA, República e ‘Religião social’: maçons, espíritas e teosofistas no espaço público cearense. In: *Fênix – Rev. de História e Estudos Culturais*, p. 11.)

¹⁹ Nasceu em Lisboa, Portugal, em 10 de dezembro de 1817, e faleceu em 1903, no Rio de Janeiro. Filho de mãe inglesa. Veio para Fortaleza em 1831, dedicar-se à carreira comercial. Fora um dos fundadores e provedores da Santa Casa de Misericórdia e abolicionista, cônsul de diversos países europeus e recebeu o título de Barão de Vasconcelos, pelo rei de Portugal Luiz I, em 1869. (L. KLEIN FILHO, *Memórias do Espiritismo no Ceará*, p. 81-82).

²⁰ *Apud* Z. WANTUIL, *As Mesas girantes e o Espiritismo*, p. 135.

²¹ Município serrano, distante 27 km da capital. Desmembrou-se de Fortaleza em 1851 e obteve ligação ferroviária em 1875. Por seu progressismo no campo das ideias, sediaria, em 26 de maio de 1881, o 1º Congresso Abolicionista do Brasil.

precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas (ambos editaram o jornal espírita *Luz e Fé*), e o Grupo Espírita Caridade e Luz (1902), que manteve o jornal *Doutrina de Jesus* e a Escola Cristá.

Versando sobre o espiritismo em afamada crônica de 1904, João do Rio confirmava aquele movimento como algo tácito: “— *Quem começou esta propaganda [do Espiritismo] no Brasil? — Homem, o Sr. Catão da Cunha diz que os primeiros espíritas brasileiros apareceram no Ceará ao mesmo tempo que na França*”.²²

Mas, apesar do pioneirismo desses primeiros grupos espíritas e da difusão do espiritismo nas academias literárias e Escola Militar do Ceará (década de 1890), é a partir de 1910 que se faria uma divulgação intensa do Espiritismo, com o retorno a Fortaleza do cearense Manoel Vianna de Carvalho, oficial do Exército, maçom e espírita com larga atuação doutrinária em vários estados brasileiros.²³

Vianna de Carvalho fazia suas conferências públicas nas lojas maçônicas “Igualdade” e “Liberdade”, nos salões das associações de trabalhadores, com divulgação e reprodução pela imprensa local, especialmente nos jornais *Unitário* e *A República*, através da qual convocava para o debate “*socialistas, maçons, livres-pensadores, adeptos em geral das ideias modernas*”. Também funda o jornal maçônico *O Combate* (1910), o jornal espírita *O Lábaro* (1911) e o Centro Espírita Cearense, em 19 de junho de 1910, como delegado da Federação Espírita Brasileira.

3. O Espiritismo “em marcha com o progresso científico”

A proposição de uma aliança entre a religião e a ciência nos princípios doutrinários espíritas, teosófico e no espiritualismo maçônico, compondo a rede moderno-espiritualista, teve, na atuação pioneira do espírita-maçom Manuel Vianna de Carvalho, nos anos de 1910 e 1911, um marco decisivo.

Nessas atividades, o tribuno espírita procurava destacar a característica inovadora do Espiritismo no concerto das crenças modernas, qual seja sua constituição como doutrina científica, como crença assentada na observação e no experimentalismo, golpeando, a um só tempo, o que considerava dogmatismo das religiões tradicionais e a cegueira espiritual da ciência materialista.

Em certa conferência, pronunciada em 1911, Vianna de Carvalho trata da “*essência íntima da matéria*”, alertando, inicialmente, que os ensinamentos espíritas não versavam sobre a questão para “*engendrar quimeras*”, nem igualar-se à “*metafísica*”. Para o tribuno, “*O espiritismo avança, apoiado na ciência, e não se permite divagações*

²² J. do RIO, Espiritismo. In: *As religiões do Rio*, p. 271.

²³ L. KLEIN FILHO, *Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó*, p. 113-151.

improficuas nem o abuso imaginativo que exauriu quantos sistemas”.²⁴ Repassa os conceitos do fluido cósmico, estado inicial da matéria, as leis da gravitação, os “estudos de Hertz”, “a física do éter”, e o “estado radiante” da matéria, com Crookes. E assevera: “Não estamos mais só em presença dos três estados clássicos: sólido, líquido e gasoso. Para além deste último, estende-se uma área imensurável, povoada por modalidades substanciais nunca pressentidas”.²⁵ Recorre à autoridade “científica” de Gabriel Delanne²⁶ quando este relaciona os ensinamentos dos “Espíritos” harmonizados com as novas revelações da Física. E, perorando sua argumentação, Viana de Carvalho ressalta a “plena concordância do ensino espírita, com os desenvolvimentos advindos à textura progressiva da ciência”.²⁷ Por fim, relembra o “caráter evolucionista” do Espiritismo, em marchar com o progresso científico, assinalado por Allan Kardec, e conclui demonstrando o campo de combate e o caráter de seus adversários:

Está aí o segredo de sua incoercível expansibilidade [do espiritismo]. Porque, de fato, aprisionar num sistema fechado e imóvel, com acontece nas *religiões em geral*, um conjunto qualquer de verdades relativas, é condenar-se de antemão e irremissivelmente a um aniquilamento, mais ou menos tardio, mas fatal. Acoimam a nossa época de herética, insubmissa aos credos de quase todas as igrejas, mas esquecem que são estas mesmas igrejas, *inimigas do progresso e da civilização*, as únicas culpadas desse indiferentismo ou animosidade levantada contra seus dogmas caducos.²⁸

Noutra conferência, Vianna de Carvalho trata das teorias vigentes sobre a “*essência espiritual*”, como “*três idealizações, mais flagrantes*”:

1ª – a teoria da pré-existência, sustentada brilhantemente por Pitágoras, Platão, Orígenes, P. Leroux, Jean Reynaud, pela Teosofia e o Espiritismo; 2ª – o *traducionismo* de Tertuliano, Lutero, Leibniz, para o qual as almas existentes em germen em nosso primeiro pai, se transmitem com os corpos, pela geração

²⁴ Apud L. KLEIN FILHO e F. CAJAZEIRAS (orgs.), *Palavras de Vianna de Carvalho*, p. 11.

²⁵ Ibid.

²⁶ FRANÇOIS MARIE GABRIEL DELLANE (1857-1926). Seu pai, Alexandre Dellane, era amigo de Allan Kardec e sua mãe foi uma das médiuns que colaboraram com o trabalho decodificação do Espiritismo. Foi engenheiro-eletricista e estudioso da Doutrina Espírita nascente. Aos 28 anos de idade, publicou a obra *O Espiritismo Perante a Ciência*. Posteriormente, saíram: *O Fenômeno Espírita* (1893), *Evolução Anímica* (1895), *Pesquisa sobre a Mediunidade* (1898), *A Alma é Imortal* (1889), *As Aparições Materializadas* (1909), dentre outras. Foi fundador da União Espírita Francesa e, com Leon Denis, participou do Congresso Espírita Internacional de 1900 e de 1925. Trabalhou por algum tempo com o metapsiquista Charles Richet. (L. PALHANO JR., *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 167-168).

²⁷ Apud L. KLEIN FILHO e F. CAJAZEIRAS (orgs.), *Palavras de Vianna de Carvalho*, p. 115.

²⁸ Ibid.

física [...]. 3ª – a criação por Deus de uma nova alma para cada corpo, opinião da maioria dos teólogos.²⁹

Põe em consideração crítica a terceira vertente, que “mutila a ideia que devemos possuir da bondade e da justiça de Deus. Porque como explicar o aparecimento dos aleijões, dos cretinos de nascimento”, para, em seguida fechar o argumento, afirmando categoricamente:

Das três maneiras de conceber a gênese das almas, a única – já o dissemos alhures – que se harmoniza com a razão e a ciência, com os fatos de observação e o experimentalismo psicofísico contemporâneo, é a da preexistência, mostrando a evolução progressiva do ser pensante através de inumeráveis formas até adquirir a pureza máxima compatível com a felicidade eterna.³⁰

Observe-se que, na “teoria da preexistência”, Vianna inclui as tradições pitagórica, platônica e a Teosofia, ao lado do Espiritismo. Embora houvesse reservas teosóficas sobre a mediunidade espírita, o conferencista não abre mão de acolhê-la na rede das crenças que se harmonizam “com a razão e a ciência”.

Noutra ocasião, em que trata do fenômeno da morte, depois de um périplo filosófico em torno da relação vida-morte e da morte como “corolário” da vida, declara sua abstenção no tratamento da fisiologia da morte, “domínio onde se enquadra um interesse todo peculiar aos biólogos”, o tribuno toma como escopo “a especulação na esfera do psiquismo transcendente”. Aqui, abre espaço à longa citação do “neoespiritualista” norte-americano Jackson Davis, sobre a aplicação de suas faculdades de vidência na observação do fenômeno psíquico da morte. Finaliza o resumo da conferência com o habitual arremate sobre os dogmáticos e negadores sistemáticos. E, nesse ponto, volta Vianna de Carvalho a citar os mestres modernos do espiritualismo, não faltando, novamente, os teosofistas:

Não raro chegam a negar a existência de escritores profundos como Elifas Levi, Stanislaw de Gnitiz, Annie Besant, Roso de Luno, Papus, Barlet, Olcott, Blavatsky, Steiner, e dezenas de outras grandiosas mentalidades [...] eminentíssimos pioneiros das novas ideias regeneradoras. [...] Os espíritas, teósofos e ocultistas possuem razões de alta valia, justificando o interesse que assinalam à análise reiterada, insistente, contínua, de todos os fenômenos ligados direta

²⁹ *Apud* L. KLEIN FILHO e F. CAJAZEIRAS (orgs.), *Palavras de Vianna de Carvalho*, p. 60-61. Grifo do autor.

³⁰ *Ibid.*

ou indiretamente à supervivência do *eu*, considerado como uma das mais sublimes forças em perene atividade no conjunto das harmonias universais.³¹

A pertença maçônica de Vianna de Carvalho propiciava familiaridade com os teosofistas e ocultistas, estes últimos presentes nas tradições esotéricas da Maçonaria e os primeiros gerados e acolhidos pela moderna Maçonaria. Assim, Vianna os entendia como defensores das “*novas ideias regeneradoras*”. Enfim, parecia ser essa sua intenção quando retornou ao Ceará, em maio de 1910 (permanecendo até novembro de 1911), como oficial do exército e representante da Federação Espírita Brasileira no Ceará: impulsionar o Espiritismo.

A década de 1920 veria a radicalização dos embates entre os adeptos do moderno-espiritualismo e o clero católico e seu laicato. A condenação da doutrina e das práticas espíritas pela hierarquia católica utilizava-se do argumento teológico da feitiçaria, o argumento policial do perigo à ordem pública, e incorporava a argumentação médico-sanitarista da patologia psíquica e histeria coletiva. Neste último caso, demonstrava-se a adesão dos agentes católicos ao discurso científico vigente, já que, doutrinariamente (diga-se, teologicamente), a Igreja rechaçava as bases racionalistas, positivistas, evolucionistas e materialistas dessa mesma ciência. Mas, às concepções do materialismo científico agregar-se-iam, de modo a causar mais alvoroço, as concepções filosóficas materialistas do comunismo e os ecos do “bolchevismo”. Os moderno-espiritualistas, como os adeptos das religiões tradicionais, tinham um novo inimigo comum a reforçar as hostes do materialismo.

Marcando presença na cena jornalística local, com seus conhecidos e reconhecidos dotes literários, Teodoro Cabral – o Políbio – faria de suas crônicas diárias uma trincheira permanente na defesa de uma religião renovada, entendida numa perspectiva evolucionista e racionalista, um tanto rarefeita do cientificismo exacerbado dos primeiros anos do século, que marcara a trajetória de um Viana de Carvalho.

Teodoro Cabral, cearense de Itapipoca, nasceu em 1891 em família muito pobre; migrou ainda criança para o Norte, instalando-se no Pará. Trabalhou em casas comerciais de importação e exportação, enquanto estudava como autodidata aprendendo várias línguas, pois tinha apenas o curso primário. Ingressou no jornalismo local, chegando a ser redator-chefe de *O Estado do Pará*. Em 1911, regressou a Fortaleza, onde trabalhou como tradutor e correspondente comercial de casas exportadoras e importadoras da capital, enquanto integrou-se ao jornalismo local.

³¹ *Apud* L. KLEIN FILHO e F. CAJAZEIRAS (orgs.), *Palavras de Vianna de Carvalho*, p. 117-124. Grifo do autor.

Em 1927, fundou a *Gazeta de Notícias*, com o também maçom e espírita Antonio Drumond, atuando como secretário, diretor, redator e cronista até janeiro de 1932, quando passa residir no Rio de Janeiro. Usava o nome literário Teo Cabral, depois substituído por Políbio. Pertencera à Academia Cearense de Letras a partir de 1930 e presidira a Associação Cearense de Imprensa (1930-1932).

De seu trabalho na *Gazeta de Notícias*, destaca-se a coluna diária “Ecos e Fatos”. Assinando Políbio, Teodoro Cabral produziu crônicas muito comentadas e apreciadas pelos leitores, e respeitadas nos meios literários locais. Dolor Barreira destaca a obrigação em apreciar a “*exuberante e valiosa produção*” de Teodoro Cabral, afirmando terem suas crônicas “*feito época no periodismo local*”.³² Tratando do jornalismo cearense, Geraldo Nobre afirma ter sido Teodoro Cabral “*o mais famoso cronista daquele tempo e, segundo alguns, de toda a história do jornalismo cearense*”.³³ Na década de 1920, Teodoro Cabral presidiria o Centro Espírita Cearense. Em 1931, participaria da fundação da Federação Espírita Cearense. Também nessa época, era maçom bastante engajado nas lutas internas.

Políbio reconhecia que os anos passavam e a “*fé racional*” ainda era algo distante da massa da população, apesar do avanço da modernidade, do “*assombroso desenvolvimento*” das “*ciências positivas*”:

A religião continua a ser o que já era na antiguidade, uma matéria opinativa, uma questão de simpatia, que a gente escolhe, aceita ou recusa: a Humanidade espera ainda que surja o descobridor do método que torne a Religião uma *categoria do espírito*, uma necessidade mental que se imponha a *golpes de experiências, observações e raciocínios*. Os progressos nesse sentido alcançados nestes últimos tempos, com as experiências psíquicas, são admiráveis, porém insuficientes para obrigar à convicção. A fé, que é sentimento, ainda é uma condição indispensável da razão de crer.³⁴

Persiste o projeto da Religião reconhecida como “*categoria do espírito*”, como dimensão do conhecimento assentada “*a golpes de experiências, observações e raciocínios*”. Mas, entendia o cronista spiritista que a preocupação religiosa procede de “*sentimento natural da alma humana*” e que sua manifestação é correspondente ao “*grau de evolução do indivíduo*”. Assim, “*o homem primitivo revela-o na prática de um culto grosseiro, carregado de superstições infantis, que se vão, com o tempo, desbastando e afinando até reflorirem nas manifestações superiores*”.

³² D. BARREIRA, *História da literatura cearense*, p. 515.

³³ G. da S. NOBRE, *História da Associação Cearense de Imprensa*, p. 96.

³⁴ Ecos e Fatos. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza-CE, 20.02.1929. Grifo nosso.

da religiosidade”.³⁵ Tal sentimento se exterioriza na “multiplicidade das religiões transitórias” que traduzem o “progresso intelectual e espiritual dos seus profíctes”. Ou seja, respondem às “necessidades psíquicas de diferentes famílias espirituais, das mais atrasadas às mais adiantadas”.³⁶

4. A Teosofia, os arcanos da natureza e a ciência da alma

Os modernos teosofistas, por sua vez, como indicara Vianna de Carvalho, partilhavam dessa mesma perspectiva cientificista, buscando sua legitimação. O líder local dos teosofistas era Luiz de Moraes Correia, piauiense nascido em 1880. Formou-se na Faculdade de Direito do Ceará, onde se tornou professor a partir de 1918. Atuou na administração pública como secretário da Fazenda do governo Moreira da Rocha (1924); secretário de Interior e Justiça, no governo Matos Peixoto, e, também, secretário de Interior e Justiça na Interventoria Fernandes Távora, do governo revolucionário de 1930. Em setembro 1931, foi nomeado juiz federal da seção Ceará, permanecendo até outubro de 1934.

Como teosofista militante, torna-se membro fundador da primeira loja teosófica do Ceará, a Loja Unidade (1920), escreve diversos artigos informativos sobre a Teosofia, faz palestras, participa de eventos e escreve livros em que aplica os ensinamentos teosóficos na interpretação das questões sociais, políticas e morais que demandavam debates, controvérsias e conflitos. Foi maçom, exercendo, em 1930, o cargo de venerável da Loja Fortaleza, cofundadora da Grande Loja do Ceará. Em 1922, inaugurando coluna de divulgação teosófica no jornal *A Tribuna*, assegura:

Não se resume, entretanto, a Teosofia, aos aspectos religioso e filosófico. Também nela há a encarar o aspecto científico, pois que proporciona uma ciência da vida, uma ciência da alma. A tudo ela aplica o método científico da observação paciente e repetida, registrando depois os resultados e tirando deles as deduções. Deste modo, ela tem investigado os vários planos da natureza, as condições da consciência humana durante a vida e depois do fenômeno a que vulgarmente se chama morte. [...] Em resumo, se dirá com precisão afirmando que “a Teosofia é um campo neutro de espiritualismo e de ciência”.³⁷

Moraes Correia sintetizaria os ensinamentos teosóficos em alguns trabalhos publicados no final da década de 1920, dos quais se destacam: *A Questão Social sob Novo Prisma* (Rio de Janeiro, 1927) e *Uma Nova Conceção do Homem e do Mundo*

³⁵ Ecos e Fatos. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza-CE, 28.03.1929.

³⁶ Ibid.

³⁷ *A Tribuna*. Fortaleza-CE, 05.12.1922.

(Rio de Janeiro, 1927). Esta obra consiste numa abordagem sintética dos princípios teosóficos, articulados na tentativa de responder às indagações existenciais humanas pela tomada de consciência de nossa essência divina, imortal e evolucionista integradora do microcosmo com o macrocosmo. No segundo capítulo, o autor se dedica à relação entre religião e ciência. Parte da constatação de que “*o homem experimenta a irresistível necessidade de conhecer-se a si mesmo*”, sendo dominado, também, pela “*ânsia crescente de desvendar os arcanos da natureza*”, que o envolve e deslumbra. E, assim, se encaminha o homem, “*impelido pelas forças combinadas da inteligência e da intuição, procura e se encaminha para a grade Causa que vela, augusta e silenciosa, sob o véu misterioso das coisas*”.³⁸

Partindo de uma perspectiva orientalista,³⁹ o autor destaca que o trabalho harmonioso entre “inteligência” e “intuição” permitirá o acesso humano aos conhecimentos ditos “ocultos”, ao mistério, ao dito incognoscível. Pois, “*não são aparelhos sobremodo complexos e delicados que se fazem mister. O que se requer e exige é um maior desenvolvimento dos poderes latentes no homem*”.⁴⁰

Diferentemente dos referenciais racionalistas cartesianos e positivistas espoados pelo espirita Viana de Carvalho na década anterior, o teosofista Moraes Correia esclarece as “*causas da desinteligência*” entre religião e ciência recuperando a tradição oriental, por ele denominada “Ciência nova”, assentada nas tradições do pensamento grego, na escola platônica, neoplatônica, introduzida na Europa ibérica com a ocupação muçulmana e hostilizada pela tradição cristã. Demarcava-se, a partir de então, uma suposta contradição natural entre religião e ciência e, por consequência, o materialismo. Assim, para Correia:

A religião é norma e é fim, é o caminho pelo qual o homem se religa a Deus. A ciência é a constatação das leis que presidem à complexidade fenomênica do Universo. Mas nem a ciência se opõe àquela luminosa escalada do homem, no rumo da sua divina origem, nem esta se realiza em contrário às leis científicas.⁴¹

³⁸ L. M. CORREIA, *Uma nova concepção do mundo e do homem*, p. 7.

³⁹ “No Oriente, o espírito é um princípio cósmico, a existência do ser em geral, ao passo que no Ocidente chegamos à conclusão de que o espírito é condição essencial para o conhecimento e, por isso, também para a existência do mundo enquanto representação e ideia. No Oriente, não existe um conflito entre a ciência e a religião, porque a ciência não se baseia na paixão pelos fatos, do mesmo modo que a religião não se baseia apenas na fé. O que existe é um conhecimento religioso e uma religião cognoscitiva. Entre nós, ocidentais, o homem é infinitamente pequeno, enquanto a graça de Deus é tudo. No Oriente, pelo contrário, o homem é deus e salva-se por si próprio”. (C. J. JUNG, *Psicologia e religião oriental*, p. 12).

⁴⁰ *Ibid.*, p. 8. Grifo nosso.

⁴¹ L. M. CORREIA, *Uma nova concepção do mundo e do homem*, p. 9.

Com isso, a defesa da integração entre ciência e religião, na vertente teosófica, parte da percepção oriental da religião como estatuto, uma *episteme*, “como norma e fim”, um conhecimento integrado do espiritual com o material; diferentemente das expectativas ocidentais de uma afirmação da religião como “categoria do espírito”, no dizer anterior de Políbio, legitimada pela “ciência positiva”. Quer, portanto, pela “intuição”, quer pela “inteligência”, a Teosofia se apresentava como “um campo neutro de espiritualismo e de ciência”, propondo-se a difundir o terceiro princípio da Sociedade Teosófica: “*Investigar as leis inexplicáveis da Natureza e os poderes latentes no homem*”.⁴²

Para a Maçonaria, a relação entre a fé, a religião e a moral com a ciência era condição essencial para a compreensão da essência da própria Maçonaria e da condição humana na terra. Pensada e definida como uma grande escola de sabedoria, a Maçonaria contempla a evolução do conhecimento humano a partir do corte conceitual entre os conhecimentos iniciáticos (esotéricos) dos antigos e os conhecimentos científicos (exotéricos) modernos, integrando-os na evolução histórica, com a função de esclarecer gradativamente a consciência humana da sua interação espírito/matéria. No *Livro Maçônico do Centenário*, obra lançada em homenagem ao Centenário da Independência do Brasil, comemorativa, informativa e porque não dizer, também normativa; na parte referente à definição de Maçonaria, seus autores afirmam:

a sabedoria deve ser a fonte de toda a virtude e de toda a fé, ainda porque, em última análise, estes dois termos se confundem. [...] a virtude [...] é convenção, por não partir de um espontâneo movimento d’alma, sem cujo dinamismo, toda a ação perde o valor moral para se constituir um ato mecânico; a fé que não vem da razão, que não participa do conhecimento, pertence aos impulsos atávicos, às vibrações subconscientes, não é um elemento de verdade, mas de superstição.⁴³

Anelar o intelecto e a moral, tomar a sabedoria, o conhecimento ou a ciência, como a matriz das virtudes e da fé. O maçom-espírita Políbio não olvidava essa lição quando observava as crenças e práticas religiosas da sociedade local, mesmo que, para isso, precisasse “invadir a seara alheia”:

Quero falar de um uso, ou antes, um abuso, corrente entre alguns fiéis, ignorantes, já se vê, da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, a que não pertencço. [...] É uma praxe cuja origem se perde em longínquo passado a de fazer promessas. [...] No meu parecer de herege contumaz, acho que ao

⁴² Teosofia. Luiz de Moraes Correia. *A Tribuna*. Fortaleza-CE, 06.12.1922.

⁴³ O. BASTOS; O. CARAJURÚ; E. DIAS, *Livro Maçônico do Centenário*, p. 27. Grifo nosso.

Criador, nós as criaturas que o adoramos, temos o direito de pedir-lhe todas as coisas que julgamos boas e necessárias, especialmente *as de caráter espiritual*, mas nada lhe devemos prometer, a não ser praticar o que julgamos serem os seus mandamentos.⁴⁴

O cronista denuncia o costume dos católicos, os “ignorantes”, de se comprometerem na realização deste ou daquele ato “*com as esmolas que os outros derem*”, “*uma cortesia com o chapéu alheio*”:

Há certas beatas que têm a mania inocente de prometer a Deus a realização de uma festa religiosa, ou a dádiva de um ornato a uma capela, ou a celebração de um par de missas, sem disporem do necessário recurso para o cumprimento do que prometem. Quando imaginam que o milagreiro de sua devoção as atendeu tocam a importunar a toda gente [...]. Se eu fosse padre, quando me coubesse a vez de confessar uma dessas maníacas, eu falar-lhe-ia assim: – Filha, para que prometes o que não podes cumprir? – Seu vigário, é um sacrifício [...] – Não tens dinheiro? Mais que o sacrifício material, agrada a Deus o *sacrifício moral*. [...] Procura ser grata à infinita Misericórdia com o sacrifício da tua vaidade, do teu orgulho [...] Porque não passas uma semana, ao menos, privando-te do prazer satânico da maledicência? [...] Ela levantar-se-ia dos meus pés muito menos beata [...] e muito mais cristã.⁴⁵

O mesmo Políbio travaria elástica polêmica com articulistas católicos, nas mesmas crônicas, sobre o uso de imagens, o “Cristo no Júri”, em que as ideias de superstição, fanatismo e atavismo espiritual se fazem presentes, embora o autor respeitasse o “nível evolutivo”, o estágio espiritual dessas almas. Assim, para os pertencentes à Maçonaria, a *sabedoria “é toda a soma do conhecimento; é a escala de gradação intelectual, de ascensão moral, de evolução espiritual, que constitui a partilha comum que todos podem cultivar, na medida de seu conhecimento”*.⁴⁶ Em outras palavras, Allan Kardec assinalara que o Espiritismo viera por fim ao mistério, ao sobrenatural, ao revelar as leis da vida espiritual; a moderna Teosofia se propunha a investigar e demonstrar cientificamente as leis que presidem a dinâmica fenomênica do Universo; a Maçonaria, por sua vez, asseverava: “*Ontem era a ciência limitada aos iniciados, hoje é a ciência aberta em todos os livros, o fim da lei religiosa sem explicação*”.⁴⁷

⁴⁴ Ecos e Fatos. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza-CE, 04.09.1927. Grifo nosso.

⁴⁵ *Ibid.*, Grifo nosso.

⁴⁶ O. BASTOS; O. CARAJURÚ; E. DIAS, *Livro Maçônico do Centenário*, p. 27.

⁴⁷ O. BASTOS; O. CARAJURÚ; E. DIAS, *Livro Maçônico do Centenário*, p. 28.

5. Maçonaria, ciência e imortalidade

A vivência dos postulados moderno-espiritualistas ultrapassava os recintos das instituições e era levada ao conhecimento público, como alternativa espiritualista, com aparente naturalidade, mas embasada em consideráveis lastros históricos, filosóficos e religiosos. No dia 07 de novembro de 1928, o jornal *Gazeta de Notícias* publica uma matéria intitulada: “*Uma tocante solenidade maçônica – O discurso do Dr. Álvaro Fernandes*”, que fora anexada à ata da Loja Igualdade do mesmo dia. O jornal noticia a solenidade e apresenta um “*extrato ou súmula*” do discurso. Na ocasião, “*obedecendo a rigoroso e tocante cerimonial litúrgico, realizaram uma das mais imponentes solenidades de seu ritual*”, era a solenidade em homenagem aos irmãos mortos nos últimos dois anos, das Lojas “Amor e Caridade”, “Igualdade” e “Liberdade IV”. Nele, o orador repassa as ideias de Montaigne sobre a morte como o eterno pesadelo da vida. Lembra o aguilhão da separação entre os que se amam e as ideias correntes sobre o desconhecido mundo *post-mortem*, o “*etéreo*”, o “*intangível diáfano*”, “*o nada sinistro*”. Para logo questionar: “*Mas, será certo que tudo acaba com a morte?*”

Quem sabe se nesses ignotos mundos do grande nada, outra vida não reponta, risonha e dourada de poesias sublimes e de encantos divinais [...]. Quem sabe se os amantes que morrem na terra não ressurgem para enlaçar-se nos céus [...]? Quem sabe se não são olhos humanos, que nos espreitam de longe, com amor e com saudade?⁴⁸

Refere o orador à “*Índia misteriosa*”, ao “*Egito monumental*”, à “*Grécia filosófica*” que, de suas “*extraordinárias ciências*”, não puderam decifrar os “enigmas” da morte. Contudo, reporta o orador os vestígios, em todas as épocas, das imagens vivas do desconhecido. As escolas da Hélade clássica: pitagórica, socrática, platoniana e aristotélica, que “*pregavam uma superexistência imortal*”; Cícero admitindo a morte como a “*ditosa mansão dos que deixam a vida*”; considera os celtas [das] Gálias, com seus magos druidas e seus “*ritos solenes da superexistência*” [...]; chegando ao Cristianismo, com a misteriosa juventude de Jesus entre os essênios e sua conferência secreta com o “*doutor da lei*”, Nicodemos, narrada por João, o evangelista.

Transporta-se ainda, o orador, à escolástica nas controvérsias entre fé e razão; a Roger Bacon e ao experimentalismo; a Francis Bacon e à lógica indutiva; a Locke, Leibnitz, Espinoza, Kant e às “*modernas demonstrações do subjetivismo metafísico*”. Adentra o século XIX e à metafísica hegeliana para demonstrar o

⁴⁸ *Apud* Ata Loja Igualdade. Fortaleza-CE, 07.11.1928.

“litígio” multissecular entre “o objetivo e o subjetivo, o sensualismo e o espiritualismo”. Culminando para vislumbrar-se

de um lado, por ventura, em continuada ascendência, a noção de peso que se altera e sublima, o ponderável se rarefaz até desponderar-se, diluir-se no amorfismo infinito e dinâmico; do outro se lobra, como sabem em descensão precipite, aquela matéria intangível, radiante e ativa condensar-se até a cristalização dos corpos compactos e inertes, obedecendo a uma forma exata.⁴⁹

Assim, a metapsíquica seria a continuação da física. Recorda Chateaubriand, quando este afirmara que “os mortos doutrinam os vivos” e, mais ainda, que “governam, sempre e cada vez mais”, segundo ensinara “o genial autor da *Filosofia Positiva*”. Finalizando, o orador informa os seus pares – usando de linguagem emotiva e direta, denotando tratar-se de algo natural e corriqueiro – a realidade patente da sobrevivência da alma e de sua comunicabilidade:

Sim, porque o nosso ambiente agora mesmo, como que rebrilha com as cintilações intangíveis de nossos gênios tutelares, os nossos irmãos mortos como que aqui se acham, deslumbrando o nosso pensamento de inspirações e de saudades, que não morrem. [...] Crede: os nossos irmãos não estão ausentes, eles apenas estão invisíveis.⁵⁰

A demonstração pública, através da imprensa, de um ritual fúnebre maçônico de intenso apelo espiritual, propagava outras possibilidades na formação religiosa local. Além da afirmação espiritualista, pautavam esses agentes por uma distinção em relação às crenças espiritualistas tradicionais, pela defesa de um fundamento filosófico-científico da imortalidade.

É digno de nota, também, que colocavam a unidade da fraternidade maçônica como valor superior, quando se tratava da defesa e exaltação de seus irmãos da Ordem. O referido discurso fora publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, recortado e colado no corpo da ata da Loja Igualdade. Todavia, nesse mesmo ano de 1928, Teodoro Cabral – redator da *Gazeta* e outros companheiros maçons, estiveram envolvidos na maior cisão da maçonaria brasileira, que resultaria na criação das Grandes Lojas estaduais. Do lado oposto, estavam o Grande Oriente do Brasil e os irmãos da Loja Igualdade, bem como outras aliadas.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Ibid.

6. Considerações finais

Passados aproximadamente dez anos, já sob o governo de Getúlio Vargas, quando se enfrentavam os partidários do integralismo, do comunismo e do liberalismo, a maçonaria brasileira mantinha sua postura liberal-democrática, contrária, portanto, aos extremos da direita e da esquerda. E ainda prosseguia na defesa de uma religiosidade embasada racionalmente e, por isso, ainda enfrentando as acusações da Igreja Católica de que era “seita” inimiga da religião e do Estado.

Os maçons vinculados à Grande Loja do Ceará, dentre eles Teodoro Cabral, Moraes Correia e Euclides César, contra-argumentam através do jornal oficial, o *Democracia*, por alguns meses. Numa matéria intitulada “A Maçonaria não é uma seita religiosa, nem um agrupamento político”,⁵¹ o redator inicia desqualificando a inteligência e a sensibilidade dos oponentes, ao constatar: “*É triste, é desolador que se esteja, ainda em pleno século XX, a rebater acusações deste gênero. Não seria mesmo necessária uma cultura intelectual muito transcendente, para que tais sandices não tivessem acolhimento algum*”.⁵² Em seguida, reafirma o princípio maçônico da liberdade de consciência, referindo à diversidade de crenças de seus adeptos, à exigência de apenas cumprirem a “*lei moral que constitui o fundo de todas as religiões*”. Prossegue, recorrendo a “*Um escritor de bom crédito*”, para lembrar que o “*tempo presente*” tende para a “*emancipação e independência*” dos homens, que

não desejam se inclinar ante autoridades que seu semelhante criou; recusam-se prostrarem ante os ídolos feitos por suas próprias mãos [...] A seus olhos, a religião não é um conjunto de formas exteriores, mas uma questão de sentimento: não consiste numa fé cega, nos dogmas, mas, sim, na livre elevação do espírito acima da prosaica realidade.⁵³

Enfim, razão, fé cega x fé racional, sentimento e religiosidade interior, ainda eram elementos demarcatórios de um espiritualismo modernamente informado, que servia aos aliados maçons, espíritas e teosofistas cearenses na configuração da utopia de uma sociedade livre-pensadora, laica, tolerante e liberal-democrática.

Referências bibliográficas

BASTOS, Octaviano; CARAJURÚ, Optato; DIAS, Everardo. *Livro Maçônico do Centenário*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1922.

⁵¹ A Maçonaria não é uma seita religiosa, nem um agrupamento político. *Democracia*. Fortaleza-CE, 24.10.1937.

⁵² Ibid.

⁵³ A Maçonaria não é uma seita religiosa, nem um agrupamento político. *Democracia*. Fortaleza-CE, 24.10.1937. Grifo nosso.

- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1962. Série História do Ceará. Monografia nº 18, 4º Tomo.
- BLAVATSKY, Helena Petrovna. *Glossário Teosófico*. 5. ed. Tradução Sílvia Sarzana. Super-
visão de tradução Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Editora Groud, [1892] 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. *O mundo invisível*. Cosmologia, sistema ritual e
noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CORREIA, Luiz Morais. *Uma nova concepção do mundo e do homem*. Rio de Janeiro:
Tipografia Industrial, 1927.
- DOYLE, Artur C. *História do Espiritismo*. Tradução Julio Abreu Filho. São Paulo: Editora
Pensamento, 2005.
- ELIAS, Norbert. Figuração In: *Escritos & Ensaios 1*. Estado, processo, opinião pública. Rio
de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (orgs.) *A Imprensa libertária no Ceará (1908-
1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- JUNG, Carl G. *Psicologia e religião oriental*. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha
O.S.B. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- KLEIN FILHO, Luciano. *Memórias do Espiritismo no Ceará*. São Paulo: DPL Editora;
Fortaleza: Centro de Documentação Espírita do Ceará, 2000.
- _____. & CAJAZEIRAS Francisco (orgs.). *Palavras de Vianna de Carvalho*. Fortaleza:
Edições FEEC, 1995.
- _____. Luciano. *Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó*. Niterói (RJ): Publicações Lachâtre.
1999.
- MIRANDA, Julia. *O Poder e a fé* – Discurso e prática católicos. Fortaleza: Edições UFC,
1987.
- _____. Religião e Política: Novos desafios à Sociologia. In: *Revista de Ciências Sociais*, v.
26, n. 1/2 (Fortaleza: UFC, 1995): 13-23.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. Integralismo e Catolicismo. In: SOUSA, Simone
(org.). *História do Ceará*. Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha/Stylos Comu-
nicações, 1989, p. 349-358.
- _____. *O Trono e o Altar*: As vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978). For-
taleza: BNB, 1992.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *História da Associação Cearense de Imprensa*. Fortaleza: Imprensa
Universitária, 1976.
- PARENTE, Francisco J. C. *Anauê* – Os Camisas verdes no poder. Fortaleza: Edições
UFC, 1986.
- RÉMOND, René. *O Século XIX (1815-1914)*. Tradução Frederico Pessoa de Barros. São
Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SILVA, Eliane Moura. *O Cristo reinterpretado*: espíritas, teósofos e ocultistas do século
XIX. Campinas, Unicamp: 1997b. Disponível em: [www.unicamp.br/~elmoura/O%20
nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc](http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc). Acesso em: 20.07.2006.

- SILVA, Marcos J. D. *Lapidando a pedra bruta: a Maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- _____. *No compasso do progresso. A Maçonaria e os trabalhadores cearenses*. Fortaleza:Edições NUDOC, 2007. (Coleção Mundos do Trabalho).
- _____. *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*. Tese de Doutorado. Fortaleza: UFC, 2009.
- _____. República e ‘Religião social’: maçons, espíritas e teosofistas no espaço público cearense. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, ano VII, n. 03 (Uberlândia: set./ out./ nov./ dez. de 2010). Disponível em: www.revistafenix.pro.br.
- WANTUIL, Zeus. *As Mesas girantes e o Espiritismo*. Brasília (DF): FEB, 1994.

Recebido: 08/01/2012

Aprovado: 18/02/2012